

# A DEFEZA

Orgão do Partido Republicano Liberal

DIRECTOR—DR. João Baptista Nunes da Silva

Editor—José Plácido d'Oliveira Ramos

ADMINISTRADORES—Manoel Alves Correia  
Joaquim Correia Dias

Redacção e Administração—Rua Antero de Quental, N.º 18

## Assignatura

Continente e ilhas adjacentes, semestre... \$75  
« « ano..... 1\$50  
África e Brazil « ..... 3\$00

## PROPRIEDADE DA EMPRESA

Composto e impresso na Tip. «Ovarense», Rua Elias  
Garcia, N.º 132—Ovar

## Anuncios

Primeira publicação, \$6 centavos a linha. Repetições  
54 centavos. Permanentes, contracto especial, Os  
srs. assinantes tem 25 p. c. de desconto.

## Pela Republica Governo nacional

Foi a 23 de Janeiro do ano findo que as tropas de Paiva Couceiro restauraram a monarchia em Ovar cuja duração porco maior foi, que a das rosas de Malherbel Sem resistencia republicana? Não!

Nas vespéras da incursão da coluna militar do commandante Corte-Real, o povo republicano desta vila sabendo que a Republica perigava, aprestou-se a defende-la com a mesma fé com que a vitoriou em cineo de Outubro de 1910.

Dessa defeza merece justo realce a acção dos ferroviarios d'Ovar pelos valiosos e inolvidaveis serviços que prestaram, pois a eles se deve o não ter sido implantada a monarchia, muito para além-Vouga;—os levantamentos de linha e abatimento de pontes, deram, com efeito, tempo a que povo, exercito e marinha republicanos, unidos como um só homem, se concentrassem e entrincheirassem nos arredores de Aveiro, salvando assim a Republica do perigo que impedia sobre ela.

Foi Antonio Gaioso a alma dessa resistencia republicana dos ferro-viarios ás forças realistas.

E' de louvar o procedimento de todos eles, pois esses feitos não sabemos o que mais admirar, se a grandeza da abnegação ou o espirito de tamanho sacrificio, mas uma e outra cousa provando entranhada dedicacão pelo regimen. Já fez um ano que isto se passou, e vae fazer-lo agora a 12 de Fevereiro que exercito e marinha fleis, trazendo a seu lado o povo—aquele povo que menos da Republica se tem aproveitado e que traz nos olhos aquele clarão ideal e sublime que arrasta ás mais formosas loucuras—fizeram de novo tremular ao vento desta terra a bandeira verde-rubra, simbolo da Patria e da Republica.

Estes acontecimentos que vimos recordando, passaram ha um ano! Porque será que cada dia que passa

os vae levando mais para longe, distanciando-os por maneira tal que os fortes relevos se esbatem e as vivas e ardentes côres se esvaeem? Porque as treguas entre republicanos neste Paiz jámais poderão exceder o tempo das fugases rosas de Malherbe? Porque o espirito da seita demagogica, com os seus odios intolerantes e as suas ambições imoraes, não se compadece com uma austeridade republicana sem violencias mas também sem fraquezas? E' muito possivel que o esvaecimento a que assistimos do duelo ha um ano travado entre a monarchia e a Republica se filie nestas duvidas. E' mesmo muito possivel. Mas que cessem ou não cessem os egoismos, as paixões e os sectarismos, filhas duma grosseira obsessão partidaria, o que temos por certo, é que, por maiores que sejam os erros e as iniquidades dos homens que tanta vez atingem a Republica no seu prestigio, o que temos por certo, repetimos, é que Ela não sucumbirá, vencida pela revolução monarchica, enquanto existir a Patria—tão grande é a sua identificação.

Foi ha um ano, pois, que a Republica esteve ameaçada pela loucura monarchica, e só não foi vencida por o povo generosamente ter feito do seu sangue nova argamassa para os seus alicerces. Recordando hoje esta data saudamos a Republica com toda a nossa alma de patriotas, e oxalá que a côr verde que brilha nas prégas da orla roçagante do seu manto, seja sempre a esperança de que o soberbo e triunfante esforço do povo, ha um ano, não se perca mais uma vez inutilmente.

Nunes da Silva.

FARINE LACTÉE  
VERNIA

O melhor alimento  
para orianças,  
À venda na  
Casa Pelxoto—OVAR

Dizem uns que sim, que é, outros que não. Somos do pensar dos segundos, por entendermos que para o ser deveriam estar representadas no governo, pelo menos, todas as correntes parlamentares. E' bom esclarecer que muito menos se trata duma meia aliança entre liberaes e democraticos, apesar de que todas as alianças são possíveis, mesmo até com os lobos da serra, para nos defendermos do bolchevismo, cujo golpe inicial foi ha pouco vibrado quando o ministerio Fernandes Costa pretendeu tomar posse. O Partido Republicano Liberal coherente no seu modo de pensar não tomou compromisso algum com os democraticos; por patriotismo, condescenderam em que individualmente os seus correligionarios entrassem no governo nacional do sr. Dr.

Domingos Pereira, ficando o Partido Liberal na sua maior independencia.

Comtudo, confiamos em que os nossos illustres correligionarios que no poder se encontram, saberão, acima de tudo, colocar a pureza intangivel da Republica consubstanciada com a Patria, fazendo como muito bem já disse o ministro das colonias, sr. José Barbosa, uma politica nacional respeitanto os direitos de todos os portugueses, politica que também o órgão democratico no seu numero 610 advoega em principio, mas que por modo diverso a exteriorisa praticamente, começando por consentir com o seu silencio que certas autoridades administrativas que tanta animadversão e repulsa temem concitado na opinião publica, fiquem per omnia seculorum.

## APAREM LÁ ESTE PIÃO...

Na sessão do Senado de 29 de Janeiro:

«O sr. presidente do Ministerio:— Não aplaude as manifestações da Junta do Crédito Publico, pois só as Camaras, se assim o entendessem, poderiam derrubar o governo, legalmente constituído.

O sr. Bernardino Machado: condena os excessos, mas apoia plenamente as manifestações populares. A do Terreiro do Paço foi nacional.

O sr. presidente, em termos enérgicos, revolta-se contra os excessos do Terreiro do Paço.

O sr. Mendes dos Reis afirma que o governo Fernandes Costa cahiu inevitavelmente com uma arruacão.

O sr. Bernardino Machado: essa manifestação traduziu a vontade nacional.

O sr. Jacinto Nunes: Com o «Pintor» á frente!...

A' bon entendeur, salut...

## VIOLENCIAS

No dia 27 de janeiro ultimo pelas 14 horas no salão das sessões da Camara Municipal d'este concelho esteve para ser violentamente agredido e foi tratado com revoltante brutalidade o considerado e geralmente estimado comerciante d'esta vila sr. Domingos da Fonseca Soares. Foram auctores da violencia inclassificavel agentes militares e civis ao serviço da Camara Municipal d'este concelho.

Procurou-nos o sr. Soares para formular a sua queixa e por intermedio do nosso jornal perguntar os motivos, as razões determinantes da revoltante violencia.

A pergunta ahi fica, para que de direito lhe dê a resposta quem com deveres e atribuições para isso, e pela nossa parte, não podemos deixar de verberar o ocorrido e pedir ás entidades a quem importa coibir e re-

primir abuzos o tomarem o caso na consideração que merece para que não fique impune a violencia.

O sr. Domingos da Fonseca Soares não é um intrigante qualquer de profissão, é um honrado trabalhador, com uma longa carreira comercial respeitada e respeitavel, e assim, a sua queixa não pode ficar esquecida como insignificancia nimia e desdenhavel.

Apurem-se e descriminem-se responsabilidades e castiguem-se culpas, e d'uma vez por todas imponha-se aos executores de ordens e disposições da Comissão Executiva da Camara Municipal o dever de as fazerem cumprir com boas maneiras e afabilidade de proceder.

O «são ordens» d'uma policia brutal e grosseirona não deve tornar a fazer carreira; para honra de todos deve impedir-o com inflexivel energia a Comissão Executiva da Camara de quem este caso tornamos conhecido para desagravo agora, e preventivo no futuro.

## Prisões

Em vão temos esperado pelas provas que o sr. administrador do concelho—Dr. Alberto Tavares—disse ter ainda sobre as prisões dos nossos correligionarios Manoel Joaquim Rodrigues e Manoel Alves Correia, visto as que S. Ex.<sup>a</sup> trouxe a publico nada terem provado. Tal demora, quasi um mez, leva-nos a concluir que o sr. administrador abandonou a questão, certamente por motivos superiores á sua vontade, convencido de que nada de maior lhe poderia succeder, fazendo-nos assim a justiça de que seriamos incapazes de o atacar pelas costas. Em face do exposto, nada mais resta levarmos ao conhecimento do publico senão que a ordem dessas prisões ficou no ponto em que a deixamos no nosso ultimo artigo.

## A BOA DOUTRINA

«Que homens tão mesquinhos e pequenissimos somos nós que parece arrepear-nos da concorrência, dentro da legalidade republicana, das aptidões e das competencias d'aqueles que sempre se demonstraram republicanos, embora tivessem praticado erros, como todos nós os temos praticado?»

(Discurso do illustre deputado Antonio Graujo, publicado em A Republica).

## ... AO CORAÇÃO

Do mesmo discurso d'aquele illustre deputado:

«E' precisamente um homem como o general Mendonça e Ma-

## Chás

Perola--Lipton--n.º 1

CACAUS D'JONG E AFRICANO

Chocolates Sic

Bolachas de Coimbra e da Invicta  
Queijos Holandez e da Serra

Vendas na casa Celeste Gomes Pinto & C.<sup>a</sup>  
Rua Elias Garcia—OVAR

Endereço telegrafico—Celest.

A MARGEM DA VIDA

II

RIQUEZA QUE SE GALGA

«A questão portuguesa é uma questão agrícola»

(Ezequiel de Campos)

Como uma força imperiosa da Fatalidade, aparece diante de nós, ameaçador e inadiável, o espectro da falencia para que caminhamos: é a falencia multiforme da nossa economia, das nossas finanças, dos princípios basilares de ordem, de disciplina, de trabalho, é a falencia dos espíritos, é a falencia dos costumes.

Uma grande remodelação se tem de operar em toda a vida portuguesa, não só já sob o ponto de vista económico, como sob o ponto de vista social e até na vida própria dos indivíduos.

A' desordem permanente nas ruas importa opôr uma disciplina forte, desde os mais altos cargos até ao simples operário; á desorientação geral, que faz intrometer toda a gente nos negócios públicos, urge substituir uma hierarchia sistematisada de funções; á incerteza e agitação, em que se tem vivido, é indispensavel succeder uma época larga e serena de trabalho tranquilo, persistente, metódico e produtivo.

Sob o ponto de vista económico, esta remodelação tem de ser necessariamente laboriosa e lenta, mas a eminencia do abysmo impõe que se seja immediata, vasta, firme, decidida e bem ponderada.

O momento é de crise profunda e inadiável; não admite experiencias, nem delongas, nem simples habilidades para torrear o problema em vez de o encarar de frente.

O seu ataque deverá fundamentalmente girar entre dois polos principaes: uma administração honesta, de pulso firme e visão clara, que procure restabelecer o equilibrio nas finanças do Estado, e um fomento intensivo e metódico dos nossos recursos naturais, desenvolvendo a nossa rudimentar industria e augmentando progressivamente a produção agricola, para que não continuemos na vergonha e no descalabro de enviarmos anualmente para o estrangeiro 18 mil contos em ouro, em troca do pão que comemos.

Por esse paiz fóra, 3.800.000 hectares de terra abandonada e triste, de pousio, dão á paisagem o tom melancólico do maninho, sente-se a desoção da charneca e, entretanto, cerca de metade d'essa área inculta bastaria para nós matar a fome e para evitar a sahida do nosso pouco ouro, que aqui ficaria beneficiando a nossa economia.

Nações pequenas, e algumas menores ainda do que a nossa, como a Holanda, a Bólgica, a Argentina, o Chili, não só bastam ás suas necessidades, mas até concorrem galhardamente com os grandes colossos.

O próprio Brazil, que muitos supõem ainda adormecido na lassidão do seu clima, exporta já cereaes; em breve, exportará talvez o vinho e, então, nós veremos perder-se mais esse nosso grande mercado, enquanto de braços cruzados, paiz de poetas e politicos, nos desfazemos em lutas mesquinhas de par-

tidos, ou nos afundamos, de olhos em alvo, contemplando a pálida face da lua.

Com a guerra, a falta de carvão queimou-nos o melhor da nossa riqueza florestal, cerca de 200.000 hectares, sem que—imprevidentes sempre—se lhe seguisse um plano immediato, metódico e obrigatório de re-arborisação, o que compromete ainda a regularisação do nosso clima e regimen pluvial, com manifesto prejuizo para o aproveitamento da nossa energia hidráulica.

A nossa agricultura luta com dificuldades constantes: falta de transportes; as estradas são os barrocais, que ahí se veem; os caminhos de ferro, uma musica de ferragens desconjuntadas a gemer, as máquinas deixando fugir vapor pelas juntas, pouco e mau material, pessoal indisciplinado; a nossa marinha mercante é a vergonhosa descendencia das heroicas caravelas; o commercio, nem sempre honesto como devia ser, desacreditando muitas vezes as nossas marcas nos mercados estrangeiros, pela ganancia de tudo ganharem de uma vez; a mão d'obra, já carissima, agravada pela lei das 8 horas; finalmente, a falta de braços, a emigração assustadora, o exodo para as cidades, não só dos trabalhadores rurales, deixando as terras sem cultivo, mas ainda das inteligencias sãs e das energias viris, entregando a cultura á rotina boçal e ignorante.

As escolas centralisadas nas cidades—erro que as grandes nações se apressam a corrigir—são o primeiro sorvedouro da mocidade sã da aldeia; o resto completa-o a ambição, que hoje é uma febre, e a sedução do cómodo emprego publico, que hoje impera, e, assim, se consomem energias, diluem caracteres, abastardam inteligencias, desmoralizam os costumes, depauperam os organismos, sem que d'esse cadinho, aquecido á custa de tantos valores, saia uma obra que se imponha, um beneficio que perdure.

Não é só a enxada que fica para um canto, ferrugenta e fria, sem o calor do braço robusto, que lhe faça brilhar, sob a benção do sol creador, a lamina polida pela terra; é o desamor, o abandono triste, em que ficam os processos de trabalho, não animado pela fé no seu esforço; é a miséria que alastra nos lares abandonados, empolgando os filhos no inferno do crime, acorrentando as filhas á infamia do prostibulo.

Toda a questão social é basilaramente uma questão de fome e, no dia em que o trabalhador tiver aprendido que só uma vida tranquila lhe valorisa o esforço, que é aos seus braços que deve pedir o pão dos seus filhos e que é amando a terra, com fé e carinho, que a faz desentranhar-se em riqueza, n'esse dia, os agitadores revolucionários e os ambiciosos, que á sua custa medram, agitarão inutilmente a tuba en-

ganadora, com que lhe prometem a felicidade, e, então, automaticamente, a Ordem se terá restabelecido.

Mas, ao pobre trabalhador não ensinaram nunca que a terra, que seus pés pisam, é o seu melhor tesouro; não lhe disseram que o sol que o cobre—esse luminoso sol da Ibéria—é a sua maior riqueza; ninguém lhe mostrou que o seu lar, aconchegado em torno a si, é toda a sua felicidade e que a vida

simples, sem ambições que dementam, é a mais sã alegria; e o miseravel só o aprende, á custa do seu sangue e á custa da sua vida, quando volta á terra para lhe entregar os ossos já frios, ou para esmolar, de porta em porta, o pão amargurado da velhice.

Ovar, fevereiro de 1920.

Frel Oredo.

os, pactuou com a situação de zembriista, conforme no-lo acabou de demonstrar o sr. Malheiro Reymão, que vem dizer a um governo de que fazia parte eu, que assignei a proclamação de Santarem, e o sr. José Barbosa, que esteve preso ás ordens do sidonismo, que a Guarda Republicana precisava de saber se esse governo era constituido por bons e autenticos republicanos... E é a isto que, em certa imprensa republicana, se chama o heroico procedimento do general Mendonça e Matos!

E' o que se chama uma estocada... ao coração!

Carta

Pelo nosso director foi enviada ao sr. presidente da comissão dos festejos da comemoração da Victoria da Republica a seguinte carta a que damos publicidade:

Ex.<sup>mo</sup> Sr. José d'Oliveira Lopes da minha subida consideração:

Pelo jornal a «Patria» de 29 de janeiro findo tomei conhecimento que numa reunião de republicanos realisada nos Paços do Concelho, fóra o meu desvalioso nome indicado para a comissão das festas a realisar para celebração da victoria da Republica em 12 de Fevereiro de 1919. Pesarosamente informo V. Ex.<sup>a</sup> que por motivos superiores á minha vontade e que se prendem com a minha vida profissional, não posso pessoalmente cooperar na organização dos festejos, o que não obsta a que dê a essa festa todo o meu apoio moral e material, como já tive occasião de dizer quando V. Ex.<sup>a</sup> ha tempo, teve a gentileza de me falar nesse assumpto.

Fazendo os meus melhores votos para que a Republica nesse dia seja vibrantemente aclamada, com muito apreço faz-lhe os seus cumprimentos o

De V. Ex.<sup>a</sup>

At.<sup>o</sup> V.<sup>o</sup> e Obr.<sup>o</sup>

João Baptista Nunes da Silva

Lisboa, 5—2—20.

Não somos nós que o dizemos...

Do «Times», de 14 de janeiro:

«Diz-se em geral que fomos nós (os ingleses) que impelimos Portugal para a guerra, que exercemos pressão para augmentar os efectivos, sendo assim responsaveis pelo alistamento de muitos mancebos phisicamente incapazes do serviço activo.»

«E' certo que uma grande porção dos efectivos portugueses em França não chegou a dar um tiro. As victimas da tuberculose foram imensas e um grande numero d'elas nunca devia ter sido alistada. Mas afinal de contas a responsabilidade de todos estes casos pertence ao governo português.»

«Se os recrutas não tiveram o exame médico adequado, isso representa mais incapacidade administrativa do que propriamente maldade.»

Chegue-lhe «seu Augusto Campos», que este «Times» é germanófilo, vendido ao ouro alemão...

Uma resposta

Quando no nosso ultimo numero aqui verberamos o procedimento da «Patria» em aceitar uma carta de um desconhecido, julgamos que aquele nosso colega reconsideraria na acção cometida. Mas não, saiu novamente á estacada, chamando-nos agora mentirosos, inexperientes e outras coisas mais, imaginando talvez que com as suas rabalices de rapaza velha conseguiria iludir-nos e fazer calar para levar a melhor. Desengane-se a «Patria». Desta vez não succederá assim embora tenham de vir a limpo os pódras de muita gente bôa. Disso tenha a certeza. Trazamos no numero anterior o caminho que seguiriamos se nos puchassem pela lingua e dele não arredaremos pé, já que assim o desejam caste o que custar. Começemos então.

Não sabe o colega o que Antonio Gaioso disse na estação dos caminhos de ferro na noite de 19 de Janeiro de 1919? Mas então não lho dissemos nós no ultimo numero? Não escrevemos lá que Antonio Gaioso ao vêr a aflicção dum dirigente democratico disse que chamasse os seus colegas para pegarem numa espingarda e virem para ahí?

O colega certamente que leu isso compreendeu bem até, mas o que se não recorda é da pessoa a quem foi dito. Mas nós dizemo-lo. Foi ao sr. Dr. Alberto Tavares. Pergunte-o a «Patria» a sua ex.<sup>a</sup>

Foi então a nossa imprudencia (sic) que mais uma vez levou o colega a falar de Antonio Gaioso, de cuja amizade e camaradagem se lembra com saudade? (sic) Não são então verdadeiros os motivos que aqui apontamos quanto ao abandono do partido democratico? Queira desculpar-nos a «Patria» mas desta vez é que nos parece que as suas expressões não são a realidade. Pelo menos não concordamos. Pois pode-se compreender que nos lembremos com saudade da amizade e camaradagem de um homem a quem indicamos o caminho da porta de saída? Não, não pode ser. Essa amizade que a «Patria» agora traz a publico quer-nos parecer quasi uma satisfação. Mas podemos afirmar-lhe que o homem a quem ela é dirigida não a aceita porque nunca desceria a bajular uns heroes que chamam a si a salvação da Republica quanto é certo que ela unica e exclusivamente se deve a Antonio Gaioso e a cerca de 40 operarios das officinas que valentemente cooperaram com o seu chefe no levantamento de pontes e se conservaram firmes no seu posto durante 22 dias nas margens do Vouga.

As afirmações que fizemos no ultimo numero são verdadeiras. O motivo a que a «Patria» se quer referir acha-se compreendido nas afirmações que fizemos. Nós também sabemos das exigencias que Antonio Gaioso fez em Aveiro. Sabemos tudo e justificam-se essas exigencias quando pessoas baixas e sem consciencia vão para Aveiro, iludindo a vigilancia monarchica ou com permissão das suas autoridades, e lá espalham noticias fantasticas de destruições, assaltos e incendios de predios como succedeu com Antonio Gaioso e de

que afinal nada se passou. Nós sabemos tudo isto. Conhecemos até as pessoas que em Aveiro espalharam parte destes boatos. Algumas são intimas relações de politicos em destaque em Ovar. A «Patria» também sabe isto e sabe-o tão bem como nós.

Qual seria então o proceder honesto de uma autoridade no seu regresso. Um inquerito mas um inquerito justo e onde não só fossem chamadas pessoas que pelo seu faciosismo fossem para lá inventar calunias. E isto foi pedido por Antonio Gaioso. E fizeram-no?

Mas então de que serviram aqueles papelinhos distribuidos em Ovar no dia da entrada das tropas republicanas annunciando o respeito a todos os cidadãos e á sua propriedade? Para mostrar aos officinaes da columna a magnitud e benevolencia dos leaes e honestos republicanos democraticos? Sim, talvez, é até o mais certo, mas quanta vingança já se planeava na sombra!

Passemos a outro assumpto. Pergunta-nos a «Patria» quem é o chefe a que nos referimos no numero anterior. Não temos duvida em diz-lo e em mais uma vez afirmar o que escrevemos. E' o sr. Dr. Pedro Chaves. Em Ovar toda a gente o tem por chefe do partido democratico e nós sabemos de fonte limpa que nada se fez ou se faz sem que ele não seja ouvido. E não julgue a «Patria» que somos só nós que o temos por isso. Os seus proprios correligionarios também lhe chamam chefe. E diga-nos colega: não foi verdade no dia 31 de Janeiro de 1919 na sessão commemorativa dessa data em Aveiro, ser levantado um viva ao sr. Dr. Pedro Chaves chefe do partido democratico de Ovar (sic) pelo atual regedor? Ora veja o colega como nós sabemos tudo e de tudo nos recordamos. Mas quer também saber o partido em que militou sua ex.<sup>a</sup> no tempo da monarchia? Foi no partido regenerador, facção Campos Henriques. Sua ex.<sup>a</sup> é hoje republicano como o poderia ser ainda monarchico se lhe fosse dado o que pedia e que ainda foi a Lisboa vêr se conseguia. Sim nós acreditamos que o sr. Dr. Chaves fosse accionista da «Patria» e até seu colaborador se bem que a sua colaboração se limitasse quasi exclusivamente a cronicas agricolas.

Mas porque foi então que sua ex.<sup>a</sup> insistido para a sua filiação no partido republicano antes de 5 de outubro de 1910 se recusou, alegando que não queria estar sujeito á disciplina partidaria, não se inscreveu até essa data como socio do centro republicano e continuou a dar o seu voto pessoal pelo partido regenerador de então?

Porque foi que sua ex.<sup>a</sup> não entrou nas manifestações que ahí se fizeram em 5 e 6 de outubro de 1910 e só appareceu republicano depois de que em 7 de outubro (a data não nos lembra) o foram convidar para aderir?

Responda-nos a isto a «Patria» e mostre-nos claramente

que foi antes que sua ex.<sup>a</sup> *aderiu*. Mas queremos factos verdadeiros como os que apontamos e não *laconismos e rabulices*. E cá ficamos á espera.

**Mais outra?...**

Nos arraiaes democraticos as descrições ultimamente tem sido em barda. Doença epidémica que parece alastrar-se até ás hostes agueridas cá do burgo. Não leram no penultimo numero da «Patria» a local «*Mais outra...*»? Pois leiam que é sintomatica. Faz-se ali descaradamente a apologia do **Pintor, do Adeus ó menina,** e outros seus sequazes. O Senhor Antonio Maria Veja se evita *mais outra...* deserção, e esta agora para as fileiras *ultra-radicaes!* Olhe que é um *historico autentico, de gema,* e um elemento de peso, pois representa a votação em *chapa* do concelho. Vossa Excelencia sabe bem a maneira de chamar ao *redil* as ovelhas tresmalhadas. Vá; satisfaca *mais* esta vaidadesinha, acenando-lhe *lá de cima* com a promessa risonha e fagueira de *aquela* ambicionada *pasto* que é o sonho dourado, a doce esperança de muitos meninos! E, diga-se a verdade, senhor Antonio Maria, já por lá tem passado outros com menos merecimentos.

**SEMPRE OS MESMOS...**

Alguns dos *bons* republicanos democraticos d'esta terra, que *tambem* seriam muito *bons* Dezembristas se isto ainda fosse Dezembrismo e este lhes dêsse as *cónesias* de uma Escola Primaria Superior ou mesmo outras, são sempre os mesmos na politiquice e na mentira, no cinismo e na perversidade.

Felizmente já ha muito tempo que os conhecemos...

Quando do sidonismo era ouvil-os a dizerem as peores coisas dos homens do partido democratico, de quem eles até se não diziam já *correligionarios*, e hoje... é vellos todos muito *bons* n'um amplexo onde entra a insanja e o crime, a insultarem os vultos dos outros partidos republicanos como que a salvação d'esta infeliz Republica esteja na bilis peçonhenta dos seus ditos.

Hoje como hontem sempre os mesmos. Sempre os mesmos na ancia de tudo deturparem; na hypocrisia com que tratam os assumptos religiosos; na apreciação dos *bons* e *maus* republicanos; no ultraje contra todos aqueles que se não filiam no partido; a que eles agora dizem pertencer: na vilania com que tratam a grande maioria do povo que por ser bom justamente os repele; em fim no delirio de bacchanal a que se entregam emquanto a Patria dolo-

rosamente se confrange ao sentir a aproximação da maior das vergonhas...

São assim, meus caros, alguns dos *bons* democraticos d'esta terra,

**HEROIS DE MONSANTO?!**

A «Patria» não agradou (é a tal historia das verdades amargas) que, ao referirmo-nos ao vergonhoso assalto ao edificio do Crédito Público onde o gabinete Fernandes Costa se achava reunido, no intuito de se impedir, como impediu, que elle tomasse posse, nos servissemos da expressão *bando de arruaceiros*.

Lamentamos profundamente... o termos acertado no alvo, e profundamente reconhecidos agradecemos a *preciosa* informação do caro colega.

Ficamos então sabendo que o *tal verdadeiro motivo* está exarado na *tal carta do sr. Cunha Leal!*...

Sempre é bom termos no parlamento um representante para trazer cá para fóra os... «diz-se» dos cantos da sala dos Passos Perdidos.

**Xadrez**

**Olha para o que eu digo...**

«O jornalismo é alevantado quando sereno, e aviltante quando desregrado» apregoava, há poucas semanas, com aquela ênfase e fatuidade que lhe são tão peculiares, a gazeta que ás quintas-feiras se espalha pela vila.

Frase bela, na realidade. feliz mesmo se atendermos á construção, revelando-se como o produto da candura de uma alma immaculada, o resultado de uma lucubração aturada, o fruto do trabalho insano de um espirito superior, era digna até quem ousará duvida-lo?, de figurar na... secção humorística do Almanaque do «Jornal de Noticias», já que o «Pimpão» se sumiu na... *atmosfera brumática da carestia do papel.*

Porém, como o lema de certas criaturas é escrever... só para os outros, logo adiante, uma columna ou duas, aquela sentença era considerada letra morta, e a pena que continuava a garatujar, empunhada, quem sabe?, talvez pelo mesmo escriba do tal «jornalismo alevantado», deixava impressa na alvura do papel a nódoa escura da lama da sargeta onde fóra mergulhar-se. O jornalismo retomava a forma da casa, por um momento velada; a raiva mal contida dos despeitados, o ódio ás verdades amargas estuava e rebentava por fim; caía a máscara da candura que por momentos thes cobrira os rostos, e atravez do manto do anonimato liam-se de novo os sentimentos *puros e nobres* daquelas almas exemplares de jornalistas... serenos.

**Perguntas... Inocentes**

A um *quidam* que dá pelo nome de Abel, é taberneiro e regedor, *chauffeur* e sargento, arranjaram *tambem* mais o lugar de... amanuense da câmara municipal. Há, porém, quem diga que se passam dias após dias, e mesmo semanas inteiras, sem que esse taberneiro ponha os pés na câmara, *embora depois receba o ordenado por inteiro!*...

Ora a comissão municipal executiva da câmara municipal em sua sessão de 1 de julho de 1919 deliberou que, *os funcionarios municipais sofram o*

*desconto* *proporcional* por cada dia que deixem de trabalhar e não seja domingo ou dia de feriado nacional; pergunta agora a minha curiosidade: Há nesta deliberação algum parágrafo que faça excepção para o regedor-taberneiro-sargento-amanuense?

— Ainda uma outra pergunta, e já agora desculpem a minha impertinencia! Não tem a câmara dinheiro com que compre clareto para o curinhol do largo Serpa Pinto? Que pena não serem os srs. vereadores obrigados a estarem lá dentro uma hora! ..

**Stupete gentes!**

Pasmai ó gentes! Alguem que não pertence á famosa galeria dos satélites do sóba cá da terra, nem faz parte da *ilustre pléiade* de Acácios dêsse semanário humorístico que para aí há, pela simples razão de que é uma criatura de senso e um professor distinto, o sr. Augusto Martins, professor de um dos liceus do Norte, antigo companheiro e colega do filósofo Leonardo, teve a ousadia de escrever que: «a instrução de um país não vale pelas suas reformas escritas; mas simplesmente pelo seu professorado», e que, por conseguinte, em lugar de gastarem o tempo os senhores dirigentes da instrução pública em *inuteis e prejudiciaes reformas*, deveriam antes «olhar com um pouco mais de escrúpulo para o recrutamento do corpo docente das escolas.»

Olhem que já é preciso ser-se muito leigo em assuntos de instrução pública no nosso país para se dizer coisas destas, não é verdade, ó senhores *patriotas* da «Patria».

Nem ao menos repara aquêle *ignorantão* do Augusto Martins para aquela música, aquêles foguetes, aquêle côpo de água e aquêle banquete de Lamôgo!...

Sobretudo aquêle banquete... deixou a água a crescer na bôquinha de tão bôa gente...

Mas esperem, senhores amigos... d'Ovar; ainda agora a procissão vai a sair. Pode ser que um dia... *tambem* comam.

**Idem**

Ainda há cerca de professores dizia um dia o jornalista Homem Cristo (pae):

«Muitos deles não sabem nada porque não são professores de concurso. São professores interinos admitidos por empenhos, e não *escolhidos pelos seus merecimentos*. Um sujeito que quer ganhar uns cobres, arranja a ser professor como arranjaria a ser empregado nas obras públicas ou no selo.»

— Contaram-me que um deputado explicava, servindo-se, a razão por que se haviam criado as E. P. Superiores, do seguinte modo:

«Extinguiu-se o Ministerio das Subsistencias; ora como era preciso continuar a sustentar os *inclitos varões* que á custa d'êles viviam, criaram-se as Escolas, e... pronto!»

Não sei se a historia é verdadeira, se falsa; no entanto, não deixa de ter um certo fundo rial. Se não é vero, é bene trovato.

— São do «Seculo» de 4 do corrente (edição da noite) as seguintes palavras a respeito das continuas reformas de instrução primaria: «Muita legislação e pouco resultado pratico.»

Eu alterarei um pouco a frase para: «Muita legislação e nenhum resultado pratico.»

Assim é que é, como diz a «Patria».

Jorge d'Aguilar.

**Noticiario**

Fizeram anos:

No dia 31, a sr.<sup>a</sup> D. Ester de Sousa, galante filha do sr. Carlos de Sousa, socio da importante fabrica de conservas a «Varina».

No dia 1, a menina Rachel Duarte, filha do sr. Manoel Maria Duarte.

No dia 2, a sr.<sup>a</sup> D. Elisa Amaral, filha do nosso querido amigo Dr. José Duarte Pereira do Amaral.

No dia 3, o rev. padre José Maria Maia de Rezende.

No dia 4, o sr. Manoel de Oliveira Ramos e o nosso amigo sr. Manoel Joaquim Rodrigues.

No dia 5, o sr. Zeferino Camossa, digno capitão de infantaria 2.<sup>a</sup>

No dia 6, o inteligente academico José de Sousa Lami.

Fazem: Hoje, a menina Candida Vinagre.

No dia 11, a menina Maria Eugenia, filha do sr. Manoel Rodrigues Leite, capitão de infantaria 2.<sup>a</sup> e o nosso correligionario sr. Manoel Rosas.

No dia 15, o nosso administrador Manoel Alves Correia.

A todos enviamos as nossas felicitações.

**Em viagem**

Para o Rio de Janeiro aonde vão dedicar-se á vida comercial, seguiram os meninos Mario e Oscar de Pinho Saramago, filhos do sr. José de Pinho Saramago.

— Para S. Paulo, republica do Brazil, partiu acompanhado de sua esposa o sr. Antonio Duarte da Silva.

— Para o Pará *tambem* partiu o sr. José Fernandes da Graça.

A todos deseja a «Defeza» muitas prosperidades e uma viagem feliz.

**Falta de espaço**

O Jorge d'Aguilar que nos desculpe de não podermos publicar neste numero as Cartas para a Mariasinha, atendendo á muita falta de espaço. A Mariasinha nada pedimos, porque tendo ela o nome da Mãe de Deus contamos antecipadamente com a sua infinita bondade...

Tambem ao autor da Carta do Pará, pelo mesmo motivo pedimos desculpa de a não publicarmos afirmando-lhe que no proximo numero será contemplado com o espaço que lhe é devido.

**Novo Administrador**

Após longas semanas de laboriosa gestação a Comissão Municipal do Partido democratico de Ovar, *gravidada de vistes planos economicos e administrativos* teve a sua delivrance dando á luz um novo administrador — o senhor Abel de Andrade —.

Estranho a Ovar e ha pouco tempo ainda entre nós não temos a honra de conhecer pessoalmente Sua Excelencia. Sabemos apenas que é professor da nossa Escola Primaria Superior, e dizem-nos que um dos poucos competentes.

Oxali que o novo administrador, emancipado de tutelas degradantes, liberto dos barações afrontosos de imposições odiantas e vingativas, saiba sempre manter-se no exercicio de seu novo

cargo, numa linha impecavel de rectidão e independencia.

Se tal acontecer não lhe regatearemos o nosso sincero aplauso.

**Festejos**

Realizam-se no dia 12 comemorando o aniversario da entrada das tropas republicanas nesta vila. Não publicamos o programa desses festejos visto que nos não foi fornecido até á hora do nosso jornal entrar na maquina.

**Soares, Amaral & C.<sup>a</sup>**

Por escritura publica de 28 de Janeiro do corrente anno, lavrada pelo notario dr. Francisco Fragateiro, d'esta comarca, se constituiu entre Antonio Duarte Pereira do Amaral Junior, Manoel Duarte Pereira Junior, Manoel Ferreira Soares e José Ferreira Soares, todos d'esta vila, uma sociedade comercial em nome coletivo sob a firma Soares, Amaral & C.<sup>a</sup>, com sede em Ovar, cujo objecto é a compra e venda de lenha, madeiras ou qualquer outro ramo de comercio que á sociedade convenha explorar.

**Agradecimento**

Manoel Joaquim Rodrigues, da regresso a sua casa, após a traição politica de que foi victima, agradece a todas as pessoas que lhe dispensaram provas d'amizade e dedicacão, e oferece os seus serviços com a mesma boa vontade e solididade a todos os seus amigos e ao publico que o honrarem com a sua amizade.

A sua gratidão permitia-lhe n'este lugar destacar pessoas, que pela sua dedicacão lhe mereciam um testemunho publico; mas, como não só poderá ofender e melindrar essas pessoas na sua modestia, como deve ter em vista o rifeo que diz *d'esta agua não beberás*, limita-se a abraçar a dois seus dedicados amigos, um inseparavel até ás horas amargas do aljube, o seu nobre e dedicado Manoel Alves Correia, e o outro, o velho companheiro Joaquim Correia Dias que, na hora de ser preciso um amigo, se prontificou a governar-lhe a sua casa da melhor boa vontade e desinteresse e com um zelo como para si proprio.

Tinha reservado para este lugar pôr a claro as passagens d'esta traição, desde a apregoada palavra d'honra, dada ao administrador que o mandou para a cadeia; desde as mentiras com que se quiz provar o contrario dos acontecimentos d'essa epocha até ao final occorrido no Porto; mas, como ninguém d'esta terra, nem que o conheça, acredita em uma falsidade por ele cometida em casos sérios e de brio, e nem a presente hora a considera propicia para pleitos de honra, dá ao desprezo todos os que se fizeram seus inimigos.

Ovar, 22 de janeiro de 1920.

A familia dos falecidos Augusto d'Oliveira Barbosa e Manoel Augusto d'Oliveira Barbosa, agradece penhoradissima a todas as pessoas que a cumprimentaram e enviaram cartões de pesames por ocasião dos seus falecimentos.

Ovar, 19 de janeiro de 1920.

A Misericórdia d'Ovar faz publico que no proximo dia 22, pelas 16 horas, vai novamente á praça a construção de dois pavilhões para o Hospital. As condições, os preços e os cadernos d'encargos estão patentes todos os dias uteis, em casa do Secretario.

Ovar, 3 de fevereiro de 1920.

O Provedor

Antonio Baptista Zagalo dos Santos.

# AVIZ

## Companhia Resseguradora Portuguesa

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL --- 1.000.000\$00 ESCUDOS

Autorizada pelo governo em portaria de 20 de Junho de 1918 e à exploração de seguros directos por portaria N.º 1766 de 5 de Maio de 1919

Séde Social—Rua do Carmo, 69—2.º

LISBOA

Endereço telegrafico VIZA-LISBOA

Telefones: Expediente 3919—Administração 5001

Delegação—Rua Mousinho da Silveira, 129

PORTO

Endereço telegrafico PORTIVIZA

Telefone—776

DELEGAÇÃO EM HESPAÑHA—Calle de Alcalá, 40—DELEGAÇÃO NO FUNCHAL, José Torquato de Freitas—DELEGAÇÃO DE VILA REAL, Americo Gomes da Costa—EM COIMBRA, Avenida Sá da Bandeira, 50—1.º

SEGUROS E RESEGUROS CONTRA OS RISCOS:—Fogo casual e proveniente de guerra, de transportes terrestres e marítimos, agrícolas, postaes, roubo, contra quebra de cristaes, automoveis, gado, etc., etc.

Agencias no Paiz e Ilhas

O Conselho de Administração

Alberto Correia, Antonio Barbosa, Antonio Cardoso de Sousa, José da Costa Pereira, José Dias da Silva

QUIOSQUE—TABACARIA

Praça da Republica

— OVAR —

★ ANGELO GONZALEZ ★

Sempre á venda charutos da Bahia, tabacos nacionaes e estrangeiros. Papel para cartas, idem de 25 a 35 linhas, lapis, lapiseiras, canetas, bicos de escrever, papel de fumar, livros, loterias, cervejas, refrigerantes sameiro, rebuçados, tintas de escrever e copiar, fumadeiras, pomadas preta e de cor para calçado, bolsas de bofracha para tabaco e mui-tos outros artigos.



# Atlántica



Companhia de Seguros

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital social (Escudos) 500.000\$00

Capital realizado (Escudos) 150.000\$000

Fundo de reserva (Escudos) 150.000\$00

Sede: Loios, 92—PORTO

Receita de 1914 (Esc.)...	36.988\$03,5	Sinistros pagos em 1914—	22.601\$41
» de 1915 » ...	71.197\$29,5	» » em 1915—	25.903\$15
» de 1916 » ...	537.897\$94,3	» » em 1916—	153.470\$90
» de 1917 » ...	3.139.404\$23	» » em 1917—	1.427.035\$74

Afóra os que se teem pago até esta data

Agencias em França, Inglaterra, Noruega, Suecia, Dinamarca, Hespanha e Egito.  
Seguros contra fogo. Seguros contra roubo. Seguros contra greves e tumultos.  
Seguros agrícolas. Seguros contra quebra de cristaes. Seguros de guerra. Seguros marítimos e postais. Seguros contra inundações e enxurradas.

Conselho de Administração:

Manoel Joaquim de Oliveira  
Dr. José Maria Soares Vieira  
Silvino Pinheiro de Magalhães  
Dr. Leopoldo Correia Mourao | Directores  
Jaime de Sousa | delegados

Agentes em todas as terras do paiz

Comissarios de avarias em todos os portes do mundo

**Officina**  
— DE —  
**Calçado**

**MANOEL ROSAS**

MARTIRES DA LILLENDALE  
OVAR

E' esta a sapataria d'Ovar onde se faz o calçado mais perfeito. Sempre justo ao pé como uma luva, sem magoar, nem apertar. Trabalho sólido e bem acabado. Execução rápida, acabamento perfeito e seguro.

## Ourivesaria

RELOJOARIA

José Placido d'Oliveira Ramos

Sucessor de PLACIDO O. RAMOS

Oficina e especialidade em finíssimos objectos d'ouro e um sortido completo em estojos de prata proprios para brindes

Compra ouro, prata e pedras preciosas

73—Rua Elias Garcia—75

OVAR